

Editores

Ceci Maria Costa Baptista Mariani,
Breno Martins Campos

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

19 dez. 2023

Versão Final

12 set. 2024

Aprovado

3 out. 2024

Os arautos da verdade: o integrismo da Associação Cultural Montfort

The Heralds of Truth: the Integralism of the Montfort Cultural Association

José Cristiano Mansur Moreira¹ , Wagner Lopes Sanchez² 

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo Interdisciplinar de Estudos Medievais. Florianópolis, SC, Brasil.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para: W. L. SANCHEZ. E-mail: <wagnersanchez@uol.com.br>.

Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado de J. C. M. MOREIRA, intitulada “O cristofascismo, o integrismo e a guerra cultural. Um estudo sobre a Associação Cultural Montfort”. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2023.

Como citar este artigo: Moreira, J. C. M.; Sanchez, W. L. Os arautos da verdade: o integrismo da Associação Cultural Montfort. *Reflexão*, v. 49, e2410634, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e10634>

Resumo

O artigo examina o ideário e o *modus vivendi* da Associação Cultural Montfort, grupo integrista surgido em 1983 de uma dissidência da Sociedade de Defesa da Tradição Família e Propriedade. O texto está dividido em três partes: na primeira é feita uma apresentação da Associação, na segunda parte é apresentado o ideário da mesma e, por último, apresentamos o *modus vivendi* dessa organização. A pesquisa que está na raiz deste é bibliográfica e documental. O pressuposto subjacente ao texto é que essa organização tanto no seu ideário como no seu *modus vivendi* utiliza a estratégia da rejeição do diferente e de combate sistemático dos seus adversários.

Palavras-chave: Antimodernismo. Catolicismo. Integrismo. Montfort.

Abstract

The article examines the ideology and modus vivendi of the Montfort Cultural Association, an integrist group that emerged in 1983 from a dissidence of the Society for the Defense of Tradition Family and Property. The text is divided into three parts: the first presents the Association, the second presents its ideology and, finally, the modus vivendi of this organization. The underlying research is bibliographical and documentary. The assumption underlying the text is that this organization, both in its ideology and in its modus vivendi, uses the strategy of rejecting what is different and systematically fighting its opponents.

Keywords: Antimodernism. Catholicism. Integrismo. Montfort.

Introdução

Política e religião são duas estruturas distintas e que historicamente sempre estiveram inter-relacionadas. Do ponto do poder político, a religião tem um instrumental que pode ser muito útil para aqueles que detém o poder.

No caso do ocidente, os símbolos e os discursos religiosos extraídos do cristianismo foram muito úteis para construir justificativas religiosas que legitimaram

o *status quo*. A história da sociedade brasileira é um exemplo disso. Desde o período colonial até o período republicano, a aliança entre o poder religioso e o poder político foi fundamental para viabilizar modelos políticos conservadores identificados com as elites.

Essa aliança entre o poder religioso e o poder político seguiu configurações e perspectivas ideológicas com diferentes matizes, mas sempre manteve o objetivo de viabilizar determinados projetos políticos.

Mas não é apenas na esfera política institucional que as articulações entre política e religião se deram. No âmbito do debate político, diferentes discursos religiosos se apresentam oferecendo aos atores políticos o instrumental religioso necessário para justificar suas estratégias políticas (Quadros, 2013).

No Brasil recente, em consonância com uma tendência mundial, velhos e novos atores se apresentaram com um discurso de extrema direita recorrendo com frequência a discursos religiosos que afirmam defender a “civilização cristã” e os valores tradicionais cristãos contra as ameaças do comunismo (Quadros, 2015).

A Associação Cultural Montfort, um dos grupos católicos integristas que possuem discursos e práticas que afirmam defender a civilização cristã e combater todos aqueles que ameaçam os valores cristãos, é o objeto deste texto.

Segundo a Montfort³, no Brasil há um projeto de esquerdização no país que tem como objetivo maior a implementação de pautas progressistas, anticristãs e que conduzirão ao comunismo e substituirão os valores católicos pela laicidade considerada pecaminosa. Entre esses “pecados” estão a distribuição de terras e de renda, as políticas de gênero, étnicas e de diversidade sexual.

Neste texto temos o objetivo de apresentar as principais características do integrismo defendido pela Montfort. Nossa hipótese é que a lógica interna dos discursos e da ação da Montfort é a lógica do combate e da negação do diferente.

A Associação Cultural Montfort

A Montfort foi fundada pelo professor Orlando Fedeli (1933-2010) em 1983, sob orientação de Dom Castro Mayer, bispo católico tradicionalista que foi excomungado por João Paulo II (1988, *online*): “[...] Mons. Lefebvre e os sacerdotes Bernard Fellay, Bernard Tissier de Mallerais, Richard Williamson e Alfonso de Galarreta, incorreram na grave pena da excomunhão prevista pela disciplina eclesiástica”.

O ideário defendido pela Montfort consiste no catolicismo tradicionalista que tem como um dos seus pilares a celebração da missa católica segundo o tridentino. Fedeli e seus seguidores se intitulam como *lefebvristas* (seguidores dos ideais do bispo Dom Marcel Lefebvre)⁴ e como combatentes do rito pós-Concílio Vaticano II da missa católica, considerada por eles como um rito sacrílego, protestantizado e maçônico.

O fundador da Montfort, Orlando Fedeli, foi membro da Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), fundada em 1960 por Plínio Correia de Oliveira, o qual foi professor

³ De ora em diante, toda vez que nos referirmos à Associação Cultural Montfort utilizaremos simplesmente a expressão Montfort.

⁴ Dom Marcel Lefebvre (1905-1991) foi um bispo francês excomungado tradicionalista em 1988. Fundou a Fraternidade Sacerdotal de São Pio X com a finalidade de defender e disseminar as posições tradicionalistas.

de Fedeli. A TFP foi classificada como um movimento integrista por se manter numa postura de ultraconservadorismo, fechada ao diálogo e à renovação da Igreja, e adotou uma posição de combate a toda posição progressista em termos de doutrina e política (Caldeira, 2014). Em virtude de suas posições intransigentes, a TFP até os dias de hoje não é reconhecida pela Igreja católica.

Após a dissidência, o nascimento da Montfort

Orlando Fedeli permaneceu na TFP até 1983 quando, por inúmeras divergências, resolve denunciar o grupo de Plínio Corrêa de Oliveira e sair. Em seu livro *No País das Maravilhas: A Gnose Burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho*, Fedeli apresenta as razões de saída da TFP. Nesse livro, Fedeli acusa abertamente a TFP de seita com um culto à Plínio Corrêa de Oliveira e à sua mãe⁵.

Numa, entre tantas cartas enviadas à página eletrônica da Montfort, uma leitora, em meio a outras perguntas, questiona se há algum tipo de envolvimento entre a Montfort e a TFP. Assim escreve a leitora:

Por último, mais uma perguntinha: vocês por acaso têm alguma ligação com o famigerado movimento TFP (Tradição, Família e Propriedade)? Sinceramente, espero que não.
Um abraço, (...)⁶.

A resposta de Fedeli é incisiva:

Passo a responder sua última “perguntinha”: se temos “alguma ligação com o “famigerado” movimento TFP (Tradição, Família e Propriedade).

Não!!! Não!!! Mil vezes não!!!

Não temos e nem queremos ter nenhuma ligação com a TFP

Grande parte do que o público veio a conhecer sobre os erros dessa entidade, foi por meu intermédio. Porém, já se passaram tantos anos que denunciei os delírios dessa sociedade que muita gente, não tendo acompanhado minha denúncia e a polêmica que se lhe seguiu, ignora qual a relação minha com a “famigerada” TFP.

Nunca pertenci à seita que se ocultava por trás da TFP. Nessa entidade pública, fui mantido no “gelo”, como lá se dizia, isto é, isolado e mal visto, porque se me acusava de “não ter o espírito de Dr Plínio”. Graças a Deus, nunca o tive mesmo⁷.

De acordo com Fedeli, os motivos que fizeram com que ele rompesse com a TFP foram vários, sendo o primeiro deles a autoproclamação de Plínio Corrêa como profeta e, em seguida, a sua imortalidade e promessa de um “Reino de Maria”.

A inspiração bélica do nome da Montfort

Duas foram as inspirações para o nome dessa associação de leigos católicos: São Luís Maria Grignon de Montfort e Simão de Montfort.

São Luís Maria Grignon de Montfort (1673-1716) foi o segundo filho de uma família Bretanha, teve educação católica, frequentou a partir de seus 12 anos o colégio católico jesuíta São Tomás Becket. Entrou posteriormente no Seminário de São Sulpício e, em seguida, estudou na Universidade de Sorbonne. Em 1700, com 27 anos, foi ordenado padre no dia de Pentecostes: “Com

⁵ Esse livro, inclusive, possui o seu resumo no site da Montfort, colocado pelo próprio autor e de fácil acesso (<https://www.montfort.org.br/bra/cadernos/religiao/pco-i/>).

⁶ Questionamento de uma leitora da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/cartas/ftp/20040728095254/>. Acesso em: 17 dez. 23.

⁷ Resposta de Orlando Fedeli a uma leitora da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: <https://www.montfort.org.br/bra/cartas/ftp/20040728095254/>. Acesso em: 17 dez. 23.

27 anos, em 5 de julho de 1700, dia de Pentecostes, foi ordenado sacerdote. Algumas testemunhas narram que ele permaneceu o dia inteiro em adoração como ‘um anjo diante do altar’” (Luís Maria [...], 2024, *online*).

São Luís Montfort teve grande reconhecimento por sua ação evangelizadora e pela contundente defesa da fé católica contra o protestantismo, o racionalismo, o jansenismo e o galicanismo. Portanto, a vida de Luís de Montfort foi marcada por uma atividade apologética e de “luta” contra o que a Igreja católica considerava como heresias de seu tempo (Luís Maria [...], 2024).

A segunda inspiração para o nome da associação, Simão IV (1160-1218), conde Montfort. Simão de Montfort foi um paladino em defesa da Igreja e ficou conhecido pela sua fé piedosa e pelas suas lutas contra a heresia albigense nas Cruzadas. Partiu para a Palestina em 1198, acompanhado de cavaleiros franceses, tendo nessa primeira empreitada pouco sucesso. A seguir, em 1202, Simão de Montfort integra a IV Cruzada. Contudo, separa-se de seus companheiros por não concordar com o assalto a Constantinopla, pois em sua concepção eles se desviaram dos propósitos da fé, e parte para a Terra Santa, obtendo grande êxito. Em 1209, segue com a IV Cruzada, convocada pelo Papa Inocêncio III contra os albigenses, sendo Simão de Montfort eleito capitão da Cruzada pelo Papa (Apologistas da Fé Católica, 2018).

Se São Luís de Montfort trazia um caráter apologético discursivo, Simão de Montfort trazia em seu agir o fio da espada de modo literal com a aprovação do Sumo Pontífice que bradava para incentivá-lo: “Eia, paladino de Cristo, o sangue dos justos clama a ti para que ponhas diante da Igreja o escudo da fé contra seus inimigos! Levanta-te e cinge-te da espada” (Apologistas da Fé Católica, 2018, *online*).

Tomando essas duas figuras históricas, o santo e o paladino, é possível fazer uma síntese acerca do nome e identidade da Associação Cuilultural Montfort, bem como o seu símbolo retratado em seu brasão contendo a águia e a espada sinal de postura bélica em defesa e ataque pelo que a associação entende como verdade.

O ideário

O ideário da Montfort se enquadra, como já foi dito aqui, no quadro referencial do movimento integrista católico que tem raízes no século XIX no contexto da luta da Igreja católica contra as ideias do mundo moderno. Diante da perda do monopólio religioso na sociedade europeia e dos territórios pontifícios, e não aceitando o novo status da instituição no mundo, a Igreja católica assume uma posição de crítica e de rejeição a tudo que representava a modernidade. O papado teve um papel crucial nessa luta.

O integrismo

O integrismo é visão de mundo pautada numa compreensão da doutrina católica que pretender ser integral. De modo geral, os grupos integristas recorrem ao Concílio de Trento, aos posicionamentos dos papas do século XIX e ao Concílio Vaticano I.

O integrismo – assim como o fundamentalismo no âmbito protestante – consiste numa reação contra tudo o que se refere à modernidade (Gonçalves, 2012). É uma tentativa de preservar a doutrina católica das “ameaças” da modernidade. Se com a modernidade, instaura-se uma crise no catolicismo que está relacionada ao papel da Igreja católica na sociedade europeia, o integrismo é, em certo sentido, uma tentativa desesperada de preservar os valores da tradição (Antoine, 1980).

Isso se dá pela não aceitação das rupturas culturais e das flutuações dos valores religiosos e pela afirmação da centralidade da Igreja católica na compreensão do mundo. Na perspectiva integrista, segundo Antoine (1980), a Igreja católica não está no mundo; ela está acima do mundo como detentora da verdade, da tradição e dos principais valores ocidentais. O integrismo defende uma compreensão exclusivista da salvação ao propor que somente a instituição católica possui todos os bens de salvação e, em contrapartida, rejeita todo tipo de ecumenismo e de diálogo inter-religioso.

O integrismo católico começou a ser formulado no pontificado de Pio X (1903 a 1914) e tinha como objetivo conservar o espírito “íntegro” da concepção jurídica, hierárquica e institucional da Igreja católica frente ao modernismo a que eram acusados alguns teólogos católicos do final do século XIX e início do século XX que propunham um diálogo da instituição com os valores modernos (Manoel, 2013).

O integrismo católico se alicerçou a partir de três textos, sendo dois de 1907, a encíclica *Pascendi Dominici Gregis* (sobre as doutrinas modernas) e o decreto *Lamentabili Sane Exitu* (sobre os erros do modernismo), e um de 1910, o juramento antimodernista *Sacrorum Antistitum*. Esses textos são citados com muita frequência pelos grupos integristas.

Antimodernismo

O antimodernismo era uma visão que se opunha a tudo o que se referia às ideias modernas. Essa visão condenava todo esforço feito por teólogos católicos de dialogar com a ciência e o liberalismo teológico, posição teológica surgida no meio protestante que defendia, entre outras abordagens, a aplicação dos métodos científicos ao estudo da Bíblia (Passos, 2020).

Para se contrapor ao diálogo da teologia com a modernidade, o antimodernismo se caracterizava como uma atitude que defendia o apego à doutrina católica, segundo a interpretação dada pelos papas antimodernistas, a Igreja católica como instância religiosa modeladora da vida social e a infalibilidade papal (Antoine, 1980).

Em síntese, a posição antimodernista defendia a restauração da sociedade de cristandade que entrou em colapso a partir do século XVI. A Reforma Protestante e a Revolução Francesa haviam tirado da Igreja católica o monopólio religioso e o papel político milenar.

Para os antimodernistas era necessário combater os avanços do mundo moderno e recuperar o prestígio social e político da Igreja católica.

A Montfort, da mesma forma que outros movimentos integristas, recupera a posição antimodernista. A sua crítica à Igreja católica pós-Vaticano II e à sociedade atual tem como ponto de partida a posição antimodernista.

Luta contra o Vaticano II e a missa nova

O Concílio Vaticano II foi o responsável pela mudança de visão da Igreja católica quanto ao mundo moderno e pela ruptura com a visão de cristandade. Nesse sentido, esse Concílio trouxe mudanças importantes que afetaram a relação da instituição com o mundo, com a ciência, com as igrejas e religiões. Por outro lado, o Vaticano II trouxe uma nova autocompreensão da Igreja católica que levou a uma nova liturgia, a uma nova moral e a uma nova interpretação da doutrina. Em virtude do impacto das mudanças inauguradas pelo Vaticano II, esse evento pode ser caracterizado como um “divisor definitivo de águas entre uma consciência cristã centrada numa epistemologia

essencialista que dispensa a história e outra, que incorpora a historicidade como dinâmica que interpreta a fé e sua transmissão” (Passos, 2020, p. 83).

Para a Montfort – e os diversos grupos integristas que reagiram contra as mudanças conciliares – as mudanças promovidas pelo Concílio colocam em risco a própria sobrevivência da Igreja e a defesa tradição.

Para Orlando Fedeli, a celebração da missa nova – liturgia da missa adotada pelo Vaticano II – era vista como um ato herético entendido como um dos resultados do Concílio Vaticano II compreendido por ele como um evento que legitimou os males que entraram na igreja.

Sobre essa acusação de Fedeli de que o *Novo Ordu Missae* é herético, podemos conferir num de seus escritos, publicado no do site da Montfort, ao defender Dom Marcel Lefebvre e Dom Castro Mayer, bispos excomungados pela Igreja, por manterem-se fiéis à missa de São Pio V e se oporem ao Concílio Vaticano II e à missa pós-conciliar:

A anulação das injustas excomuniões será o reconhecimento oficial de que Dom Lefebvre e Dom Mayer, ao contrário de hereges ou cismáticos rebeldes, foram dois heróis da Fé por recusarem os erros do Concílio Vaticano II e da Nova Missa de Paulo VI, que eles sempre acusaram de ter sabor de heresia. Isso será a declaração indireta de que eles tinham razão no que defendiam, e que é permitido criticar os erros do Vaticano II e da Missa Nova. Logo, que o Vaticano II não foi um Concílio infalível, pois um concílio infalível tem que ser totalmente aceito e nunca recusado (Fedeli, 2006a).

E como para Orlando Fedeli a gnose é uma das raízes do grande mal no qual a Igreja católica estava “se afundando”, ao se render ao modernismo e ao antropocentrismo, ele insiste em discorrer sobre o quanto a Missa Nova é herética, tanto quanto o Concílio Vaticano II, por divinizarem o ser humano, atribuindo a ele um caráter divino. Para ele, essas coisas se davam pela influência maçônica dentro da igreja a partir do princípio de fraternidade e de igualdade em que todos comungariam igualmente de uma salvação universal, independentemente de merecimentos. Assim escreve Fedeli:

Não existe nenhuma semente divina no homem. Se existisse tal semente divina, nenhum homem poderia se perder eternamente. Todos necessariamente estariam salvos. Em qualquer religião, ou mesmo sem religião, todos se salvariam, porque, havendo algo de substancialmente divino no homem, ninguém se danaria, pois todos os homens seriam, no fundo, divinos (Fedeli, 2006b).

Orlando Fedeli, bem como o seu legado, atribui ao rito renovado da missa, aprovado por Paulo VI, o motivo do que eles julgam ser a derrocada da Igreja católica rumo à apostasia. São essas as acusações que o falecido professor fazia e que ainda são mantidas vivas juntamente ao grupo por ele formado em vida e pelos novos membros.

De acordo com o professor Orlando Fedeli, a missa sob o novo rito é um compêndio de teses maçônicas e de heresias, cheia de gnose, sendo a causa primeira da perda de fé e da ortodoxia do clero:

É a Nova Missa de Paulo VI, feita por maçons e pastores protestantes, é a essa nova Missa causadora de tantos abusos e escândalos que cabe a pergunta: até que ponto essa Missa pode ser tida como ortodoxa? Até que ponto ela se afastou da doutrina católica?

Depois, ela se tornou a fonte de abusos e de sacrilégios.

Essa nova Missa contribuiu tanto para a apostasia de milhares de sacerdotes, quanto para o verdadeiro êxodo de fiéis católicos para as seitas protestantes. Foi especialmente por meio dela que o povo conheceu o Concílio Vaticano II. Tanto que o próprio Paulo VI disse a Jean Guitton que jamais permitiria a liberação da Missa antiga, pois isso seria condenar simbolicamente o Vaticano II [...] (Fedeli, 2006b).

O modus operandi

O *modus operandi* da Montfort é coerente com o seu ideário. Esse *modus operandi* parte do pressuposto que a Montfort está numa guerra. Nessa guerra, as estratégias adotadas por essa instituição são estratégias que se baseiam no combate sistemático ao inimigo – a modernidade e seus “males” – e a pessoas e grupos, que expressam visão de mundo diferente.

As “armas” em defesa da fé

Com efeito, o nome da associação, bem como a escolha dos símbolos encontrados no brasão da Montfort, reflete bem os meios e modos de ser e pensar do grupo, mas mais do que isso, refletem a personalidade, a alma de seu fundador. São valores e conceitos de quem se coloca numa espécie de Cruzada Moderna, cujo caráter beligerante se torna uma busca constante, sendo, inclusive, objeto de gozo. E isso poderia ser tomado como mera conjectura, ou, ainda, uma conclusão temerária se não fosse o próprio Orlando Fedeli nos deixar por escrito o seu poema *Alma Cruzada*, de 1973, e que pode ser facilmente acessado no site (Fedeli, 1973). O poema, logo de início, evoca um caráter combativo ao relacionar a alma de Fedeli a uma arma de corte sedenta de bravura. Nesse primeiro momento do poema, Fedeli se refere de forma superlativa a ele próprio e seus desejos de virtudes e de pronta defesa da fé pela espada da sua alma:

Ah ! eu quisera de minha alma fazer uma espada,
inebriada de heroísmo, sedenta de bravura,
e que só nos combates encontrasse ventura.
Ah ! eu quisera forjar em mim uma alma cruzada,
por Deus pronta para a luta, pronta para a estocada,
uma alma pontiaguda e forte, brilhante e pura (Fedeli, 1973).

Brasão e poema se complementam num teor de reciprocidade. Há uma mistura de humildade, piedade, concomitantemente a um sentimento de grandeza e de um furor exuberante, elegantemente escrito. Palavras como: espada, cruzada, bravura, combate, luta, duelo, florete, juntamente a uma série de predicativos que oscilam entre o prélio e a doçura, entre a cólera e a candura, deixam claro o amálgama de intenções de como o fundador e o seu grupo entendem a apologética a qual abraçaram como uma valente missão de conflitos por uma causa supostamente maior.

A espada, colocada como símbolo de justiça e defesa da fé, acaba se tornando um eufemismo para a radicalidade e para um discurso agressivo e intolerante, cuja intenção, segundo o professor Orlando, alunos e seguidores, é a conversão ao que eles acreditam ser a única verdade e o único modo de se viver o catolicismo. Nome, brasão, auto imagem e modo de se comportar e de se expressar reúnem as informações e características que revelam o teor bélico montfortino.

A sua resposta a um leitor que o interpela é um exemplo típico desse espírito bélico. Esse leitor, se colocando como anônimo, interpela Orlando Fedeli e lhe faz duras críticas acusando-o de ter saído da TFP e de reproduzir exatamente o modo de agir. Eis que prontamente, Orlando Fedeli, para se defender “desembainha” a sua metafórica espada e responde:

Sabe, meu caro Sr. Anônimo, as polêmicas são como duelos. E duelos os há com várias armas. Já tive que duelar com adversários e inimigos com vários tipos de armas, sempre escolhidas por eles. Houve até um, que me desafiou a lutar a tacape. Brutal! Outro houve com quem lutei a sabre, para defender a honra de Nossa Senhora, que ele pisara. Acabei por pisá-lo como a um escorpião, graças a Deus. O que valeu -- também graças a Deus -- a conversão de alguns protestantes Não vou dizer que não gosto de duelar. Seria uma mentira. Gosto. Gosto de combater.

“Et je voudrais mourir un jour sous un ciel de feu,
en disant un bon mot pour l’honneur de Dieu!”

Gosto de “duelar”, mesmo a tacape, se for o caso. Mas prefiro o florete. É bem mais elegante. E fino. E educado. E cheio de espírito e de graça. O florete permite, não tanto estraçalhar o adversário, mas apenas vencê-lo, sem ofendê-lo. Sem insultá-lo

E a polêmica, meu caro, nestes tempos de falsa paz – da paz que vem da ONU, e não de Cristo -- nestes tempos sem cruzadas, e sem cruzados, é o único combate digno que restou⁸.

Ataque às instituições e às pessoas

Muitas das respostas do professor Orlando Fedeli, bem como de seus seguidores, têm um tom ácido e agressivo. Dessa maneira, discorreremos agora como essas atitudes se revelam em ataques às mais diversas instituições e pessoas que não compactuam com a forma com que eles pensam. Inclusive, às próprias instituições católicas e pessoas católicas que, segundo o fundador e seus seguidores, não vivem um catolicismo verdadeiro, contribuindo assim para a destruição da Igreja católica.

Elencaremos aqui alguns desses “inimigos” da Igreja, segundo o professor Orlando Fedeli, aos quais ele dirigia sua ira belicosa.

a) Ataques à Renovação Carismática Católica

Quanto à Renovação Carismática Católica afirma que esse movimento é uma expressão religiosa que defende um relacionamento direto com Jesus Cristo por meio da experiência do batismo no Espírito. Isso é mais do que suficiente para a Renovação Carismática Católica ser colocada pela Montfort, sobretudo por Orlando Fedeli, como sendo uma heresia e anticatólica. Numa das cartas enviadas por um dos leitores do site Montfort, questionando o professor Orlando se não haveria algo de salutar na renovação carismática, eis que ele responde: “Na Igreja não há vertentes. Nela só se admite a verdade. E a RCC é protestante de origem e de práticas. Logo, não há lugar para o carismatismo pentecostal na Igreja Católica”⁹.

Numa outra carta em que o leitor critica a TV Canção Nova, por receber Dilma Rousseff, então ministra do governo de Luís Ignácio Lula da Silva, a resposta de Orlando Fedeli foi a seguinte: “A notícia que você me envia é espantosa. Ela prova sim como a Canção Nova desrespeita a doutrina católica. Permitir que uma comunista, terrorista, membro do PT, partido oficialmente abortista e defensor do homossexualismo participe de ato litúrgico é escandaloso. Isso prova que o catolicismo da Canção Nova vale tanto quanto a fé dessa ministra. In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli”¹⁰.

b) Ataques à Teologia da Libertação

Entre mais uma das tantas cartas publicadas no site, encontramos um leitor indignado com um canto do folheto da missa dominical da Campanha da Fraternidade de 2008. O leitor afirma que

⁸ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/tfp/20040728175632/. Acesso em: 17 dez. 2023.

⁹ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20081204003542/. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁰ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20081219232412/. Acesso em: 17 dez. 2023.

nesse canto está mais do que explícita uma mensagem subliminar de apologia à revolução cultural comunista dentro da Igreja católica. Na resposta, como não poderia ser diferente do que já vimos, Orlando Fedeli responde:

Esse canto, inserido num folhetim de Missa, é claramente originado pela seita herética marxistóide conhecida como Teologia da Libertação, fundamentada nas heresias do ex frei Boff, e patrocinada pelo Sinédrio marxista encastelado na CNBB. Esses cânticos utopistas envenenam o povo e insuflam a luta de classes e a rebelião armada.

Ainda recentemente Dom Saracho, Bispo de Presidente Prudente, declarou-se favorável à invasão de propriedades particulares no Pontal do Paranapanema. Pior ainda: esse Bispo declarou que era preciso “manter o clima de insegurança”. Declarou que sabia que fazer isso era ir contra a lei, mas que era preciso para forçar o governo a fazer reforma agrária. Esse Bispo é então um agitador comunista confesso¹¹.

Nesse fragmento é possível ver inúmeros ataques a diferentes instituições e pessoas. Isso sem contar jargões pejorativos e recorrentes na linguagem dos conservadores, tais como: *herético*, *marxistóide*, *agitador comunista*, *revolucionárias*, *criminosas*, sem contar, evidentemente, o típico comportamento ressentido:

A Teologia da Libertação é completamente herética. Frei Boff defende que a Virgem Maria é a hipóstase do Espírito Santo, isto é, que Ela seria a encarnação do Espírito Santo. Um delírio de heresia.

A Teologia da Libertação é marxista, comunista, socialista, defende a luta de classes e que Deus é imanente no mundo. Frei Boff declarou que recusa um deus superior ao universo. Em sua palestra Pelos Pobres Contra a Pobreza, em Teófilo Ottoni, ele declarou que é ateu desse Deus lá em cima, esse velho barbudo que quer se impor aos homens dando dez mandamentos¹².

Tal qual Orlando Fedeli afirma na resposta acima, há incontáveis trabalhos e ataques no mesmo teor no site da Montfort contra a teologia da libertação, à CNBB, às comunidades eclesiais de base e a tudo que por eles é julgado como braços dessa teologia e de uma maquinação comunista. Nota-se, ainda, que há uma fala conspiracionista, como se houvesse um plano secreto de destruir a igreja e implementar a construção de um partido comunista. Isso fica ainda mais evidente numa resposta de Orlando Fedeli a outro leitor que escreve indagando por que a Montfort é favorável a armar a população:

Que confusão a sua! Você está identificando a CNBB com a Igreja. A CNBB não é a Igreja. Esse é um erro clamoroso.

A Igreja condena o socialismo, e afirma que ninguém pode ser católico e socialista ao mesmo tempo.

O PT é oficialmente socialista e concretamente comunista.

E a CNBB criou o mito Lula, e sempre apoiou Lula e o PT¹³.

c) Ataques a outras religiões

Além das críticas aos movimentos católicos que diferem do que a Montfort entende por catolicismo, também estão aquelas dirigidas a outras religiões, seguindo o mesmo teor. Veremos agora algumas das respostas dadas por Orlando Fedeli às cartas e o modo com que a Montfort se posiciona diante de outras religiões.

¹¹ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20080213030704/. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹² Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20070515084202/. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹³ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: <https://floscarmeliestudos.com.br/672-a-cnbb-nao-e-a-igreja/?print=print>. Acesso em: 6 dez. 24.

Protestantismo e pentecostalismo

A Montfort possui um número expressivo de correspondências advindas de pessoas protestantes e pentecostais, sejam elas para se colocarem à disposição do diálogo, para confrontarem o site e o catolicismo ou, mesmo, para compartilharem a experiência de conversão ao catolicismo.

Nas respostas a essas cartas, tanto do fundador, quanto de seus alunos, há um misto de ataques com falas veladas de uma suposta preocupação e caridade, visto que eles são, segundo a autodefinição, um grupo apologético preocupado com a salvação das almas e de conversão ao catolicismo. Grande parte dos ataques ao protestantismo pela Montfort, advém das respostas acerca da Renovação Carismática Católica e dos questionamentos que pessoas católicas fazem sobre ela. Numa dessas cartas, um leitor afirma que os católicos poderiam aprender coisas boas com os protestantes, como por exemplo, o acolhimento. Esse mesmo acolhimento que, segundo o leitor, acontece na Renovação Carismática Católica. A resposta de Orlando Fedeli:

Você me pergunta: “Se aprendemos coisas santas de nossos irmãos protestantes porque não podemos utilizá-las?”

Meu caro(...), do protestantismo nada podemos aprender de bom.

Nosso Senhor nos disse que a árvore má não pode dar bom fruto.

Como é que você, nessa árvore má, encontrou frutos bons?¹⁴

E as respostas com esses conteúdos não se dirigem apenas aos protestantes e aos pentecostais, mas também aos católicos que dizem combater o protestantismo, mas seguem algum movimento não aprovado pela Montfort.

Espiritismo Kardecista

O espiritismo kardecista no Brasil é uma religião que foi, ao longo das últimas décadas, tomando um significativo espaço, sobretudo, por causa do médium Francisco Cândido Xavier (1910–2002). Sendo assim, era de se esperar que as pessoas escrevessem para o site Montfort, sejam elas católicas com dúvidas a respeito do espiritismo ou, mesmo, pessoas espíritas para contestarem as posições da Montfort. Numa carta enviada ao site, um jovem católico solicita a Orlando Fedeli que lhe esclarecesse algumas dúvidas sobre o kardecismo, sua doutrina, a visão espírita sobre Jesus Cristo, o evangelho espírita e o que o diferencia da umbanda e do candomblé. Assim responde Orlando Fedeli, a começar pelo Evangelho Segundo o Espiritismo:

No mundo Ocidental católico os espíritas tinham que se apresentar como uma expressão do cristianismo para poder adquirir mais facilmente novos adeptos. Daí a pretensão de conciliar as doutrinas gnósticas do espiritismo com o catolicismo e o cristianismo, elaborando evangelhos segundo o espiritismo, que nada mais são do que uma deturpação grosseira dos textos e do sentido do Evangelho¹⁵.

Segue em sua explicação, dizendo sobre a comunicação com os mortos: “Os médiuns que pretendem ter comunicação com os espíritos dos mortos, na verdade - quando não agem fraudulentamente - têm comunicação com os espíritos demoníacos. Essa é a razão por que as Sagradas Escrituras condenam toda espécie de necromancia (consulta aos mortos para conhecer o futuro)”¹⁶.

¹⁴ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Monfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040708144443/. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁵ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Monfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20171104233058/. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁶ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Monfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/rcc/20171104233058/. Acesso em: 17 dez. 2023.

Religiões de Matrizes Africanas

As religiões de matrizes africanas como a umbanda, o candomblé e a quimbanda, por exemplo, sofrem ataques desrespeitosos e posturas preconceituosas e de intolerância de forma indiscriminada por diversos setores religiosos e sociais, muitas das vezes, inclusive, com teor racista. Esse tipo de comportamento não é exclusivo de grupos conservadores ou integristas, mas como não poderia ser diferente, novamente, iremos encontrar esses tipos de investidas no site Montfort.

Numa carta em tom de denúncia, um leitor descreve que houve a celebração de uma missa em que o padre convidou integrantes de um terreiro de umbanda para participarem do rito com o intuito de exercer o ecumenismo. Essa foi a resposta de Orlando Fedeli: “O que você nos conta é uma coisa escandalosa e sacrílega. O que esse Padre fez, em nome do ecumenismo, foi um gravíssimo sacrilégio e um escândalo. Aconselho que você escreva ao Bispo local, protestando contra essa cerimônia inacreditável”¹⁷.

Certa vez, um leitor se dirigiu ao site pedindo orientação a Orlando Fedeli quanto à prática da capoeira, se é lícito a um católico praticá-la, visto que tem suas origens nas culturas afro-brasileiras. Segundo o leitor, um amigo recomendou que não deveria praticar essa arte marcial, pois seria incompatível com a fé católica. Orlando Fedeli, pois, responde:

A capoeira é uma forma de luta muitíssimo influenciada pelo candomblé, e, por isso, não recomendo que você, e ninguém, a pratique. Os gestos e movimentos dessa dança e luta são quase que sinais mágicos que não convém praticar. Quem pratica capoeira fica predisposto a ir à macumba, tanto essas coisas estão interligadas¹⁸.

Considerações Finais

No cenário mundial, constatamos atualmente o retorno do tradicionalismo ao mesmo tempo em que está ocorrendo a ascensão da extrema direita (Teitelbaum, 2020). Um grande desafio que se coloca para quem quer compreender os cenários político e religioso atuais é precisamente compreender, de um lado, os princípios que orientam os grupos tradicionalistas e, de outro, as estratégias que esses grupos utilizam para desencadear as suas lutas e conquistar espaços.

Este texto examinou o ideário e as estratégias de um desses grupos, a Associação Cultural Montfort, fundado em 1983 a partir de uma dissidência da Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade. O estudo dessa Associação revela elementos que estão muito presentes em outros grupos tradicionalistas de origem católica: a oposição à modernidade, a rejeição do Concílio Vaticano II e a estratégia de luta permanente contra pessoas e instituições que estão em campo oposto.

Este estudo, assim como outros que se dedicam a compreender esses grupos, demonstra que os grupos integristas defendem uma visão estática da história. A concepção de tradição desses grupos é da tradição vista como portadora de uma verdade a-histórica e definitiva. Rejeitam, assim, que toda tradição é uma construção humana e, por isso, contextualizada. É em nome dessa concepção, que a Montfort se opõe ao Concílio Vaticano II e às suas inovações.

Em nome de uma verdade a-histórica os tradicionalismos opõem-se de forma sistemática ao diferente e colocam-se como combatentes contra o que é compreendido como uma ameaça

¹⁷ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/polemicas/20040825091308/. Acesso em: 17 dez. 2023.

¹⁸ Resposta de Orlando Fedeli a um leitor da página da Associação Cultural Montfort. Disponível em: www.montfort.org.br/bra/cartas/outros/20040812232656/. Acesso em: 17 dez. 2023.

ao seu ideário. O *modus vivendi* da Montfort mostra essa lógica de combate permanente que visa eliminar os seus inimigos.

Referências

- Antoine, C. *O integrismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- Apologistas da Fé Católica. *Simão de Montfort – Campeão da ortodoxia contra a heresia*. [S. l.]: Apologistas da Fé Católica, 2018. Disponível em: <https://apologistasdafecatolica.wordpress.com/2018/03/02/simao-de-montfort-campeao-da-ortodoxia-contra-a-heresia/>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Caldeira, R. C. Em defesa da ação católica: Plínio Corrêa de oliveira, um baluarte da tradição. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 6, n. 16, p. 97-111, 2014.
- Fideli, O. Alma cruzada. *Montfort Associação Cultural*, São Paulo, 8 jan. 1973. Disponível em: https://www.montfort.org.br/bra/veritas/cronicas/alma_cruzada/. Acesso em: 17 dez. 2023.
- Fideli, O. Reabilitação de D. Lefebvre e de D. Mayer? *Montfort Associação Cultural*, São Paulo, 3 fev. 2006a. Disponível em: https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/reabilita_lefebvre/. Acesso em: 17 dez. 2023.
- Fideli, O. 'Por muitos'. Não 'por todos'. *Montfort Associação Cultural*, São Paulo, 22 nov. 2006b. Disponível em: https://www.montfort.org.br/bra/veritas/igreja/por_muitos/. Acesso em 17 dez. 2023.
- Gonçalves, M. Integrismo católico e fundamentalismo protestante: historicidade, aproximações e distanciamentos. *Relegens Thréskeia Estudos e Pesquisa em Religião*, v. 1, n. 2, p. 70-103, 2012.
- João Paulo II, Papa. *Carta Apostólica "Ecclesia Dei"*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/motu proprio/documents/hf_jp-ii_motu-proprio_02071988_ecclesia-dei.html. Acesso em: 20 ago. 202
- Manoel, I. Origens do tradicionalismo católico: um ensaio de interpretação. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 6, n.16, 2013.
- Passos, J. D. *A força do passado na fraqueza do presente*. O tradicionalismo e suas expressões. São Paulo: Paulinas, 2020.
- Quadros, M. P. R. *Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade*. 2015. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- Quadros, M. P. R. O conservadorismo católico na política brasileira: considerações sobre as atividades da TFP ontem e hoje. *Revista de Estudos Sociais*, v. 18, n. 34, p. 193-208, 2013.
- S. Luís Maria Grignon de Montfort, presbítero fundador da Companhia de Maria. *Vatican News*, [s. l.], 28 abr. 2024, <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/04/28/s--luis-maria-grignon-de-montfort--presbitero-fundador-da-compa.html>. Acesso em 20/08/24.
- Teitelbaum, B. R. *Guerra pela eternidade*. O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Ed.Unicamp, 2020.